

# Nuevo Mundo Mundos Nuevos

Debates, 2006

Antonio Herculano Lopes

## **Do monarquismo ao “populismo”: o *Jornal do Brasil* na virada para o século XX**

### **Avertissement**

Le contenu de ce site relève de la législation française sur la propriété intellectuelle et est la propriété exclusive de l'éditeur.

Les œuvres figurant sur ce site peuvent être consultées et reproduites sur un support papier ou numérique sous réserve qu'elles soient strictement réservées à un usage soit personnel, soit scientifique ou pédagogique excluant toute exploitation commerciale. La reproduction devra obligatoirement mentionner l'éditeur, le nom de la revue, l'auteur et la référence du document.

Toute autre reproduction est interdite sauf accord préalable de l'éditeur, en dehors des cas prévus par la législation en vigueur en France.



Revues.org est un portail de revues en sciences humaines et sociales développé par le CLEO, Centre pour l'édition électronique ouverte (CNRS, EHESS, UP, UAPV).

### Referencia electrónica

Antonio Herculano Lopes, « Do monarquismo ao “populismo”: o *Jornal do Brasil* na virada para o século XX », *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En línea], Debates, 2006, Puesto en línea el 02 mai 2006. URL : <http://nuevomundo.revues.org/index2239.html>

DOI : en cours d'attribution

Éditeur : EHESS

<http://nuevomundo.revues.org>

<http://www.revues.org>

Document accessible en ligne à l'adresse suivante : <http://nuevomundo.revues.org/index2239.html>

Document généré automatiquement le 01 octobre 2009.

© Tous droits réservés

Antonio Herculano Lopes

## Do monarquismo ao “populismo”: o *Jornal do Brasil* na virada para o século XX

### Os primórdios monarquistas

- 1 Fundado em 1891, o *Jornal do Brasil* nasceu como projeto de intelectuais monarquistas com o propósito de criar um órgão capaz de resistir à República no plano das idéias. Liderado por Rodolfo Dantas, contava com a prestigiosa colaboração de Joaquim Nabuco, primeiro como correspondente em Londres, depois como chefe de redação. Escolheu-se a data de 9 de abril para o seu lançamento, em comemoração aos 60 anos do Te-Deum em ação de graças pela aclamação de Pedro II como imperador, dando assim claro sinal de sua simpatia pelo antigo regime.<sup>1</sup>
- 2 Mas o *Jornal do Brasil* diferia de outros órgãos da imprensa monarquista, pasquins de vida curta, como *A Tribuna*, de Antônio de Medeiros, em que Eduardo Prado escrevia seus virulentos ataques ao regime e aos militares. A depredação deste último jornal por militares em novembro de 1890, causando a morte de um revisor e reação coletiva dos órgãos da imprensa em defesa de sua liberdade, coincidiu com o momento em que a criação do *Jornal do Brasil* estava sendo articulada. Consciente da impossibilidade de contar com liberdade plena, Rodolfo Dantas projetou um diário menos voltado para uma luta aberta pela restauração monárquica e mais como instrumento de luta ideológica, em que valores caros aos monarquistas e uma leitura histórica alternativa à que se estabelecia pelos órgãos republicanos se mantivessem vivos.
- 3 O *Jornal do Brasil* já surgiu como “grande imprensa”, fortemente capitalizado, com clara intenção de vida longa. Nesse sentido, devia seguir uma lógica de sobrevivência, que recomendava a moderação. Contava, inclusive, com diversos colaboradores de prestígio sem clara vinculação ao monarquismo militante, como José Veríssimo, Said Ali e Rio Branco. Mesmo assim, durante um tempo, o periódico oscilou entre atitudes mais ou menos engajadas, como que testando os limites do possível. Em junho de 1891, Nabuco voltou da Europa e assumiu a chefia de redação, com posturas mais abertamente críticas ao governo e ao regime. Publicou uma série de artigos sobre o que chamava de “ilusões republicanas”, apoiou a Igreja Católica em suas querelas com o Estado e noticiou com destaque a morte de D. Pedro, em Paris, a 5 de dezembro. A 16 do mesmo mês, o jornal foi depredado, com a multidão gritando “Mata Nabuco!”. Dois dias depois, Rodolfo Dantas e Joaquim Nabuco se afastaram da direção e do país.
- 4 O espaço que a República permitia à oposição, já diminuto com Deodoro da Fonseca à frente do governo, tornara-se ainda mais restrito sob Floriano Peixoto, a partir de novembro de 1891. Mas o *Jornal do Brasil* era empresa sólida e sobrevivia aos fluxos e refluxos do jacobinismo. Tornada sociedade anônima, o diário passou a ter, em maio de 1893, um líder republicano como seu redator-chefe, Rui Barbosa, que manteve e até acirrou o tom antiflorianista, ainda que não monarquista. Deflagrada em setembro a Revolta da Armada, Rui Barbosa teve que ir para o exílio e o *Jornal do Brasil* fechou as portas, para só reabrir mais de um ano depois, a 15 de novembro de 1894, coincidindo com a posse de Prudente de Morais.
- 5 Começou, então, nova e longa fase, caracterizada por forte mudança de linha editorial, em que o jornal tornou-se menos abertamente político e adotou uma postura de “legítimo e natural representante [do povo]”, conforme palavras do edital de reabertura.

## Uma palavra de explicação

- 6 O presente estudo é parte de um exame da posição do *Jornal do Brasil* como intermediário entre a cultura popular e os meios letrados do Rio de Janeiro do começo do século XX. Concentro-me no período que se estende até o início da I Guerra Mundial, para estudar os temas, as linguagens e os tipos de cobertura jornalística exercidos por esse periódico e extrair algumas conclusões quanto ao seu papel na dinâmica sócio-cultural da época. Procuro, sobretudo, confirmar uma hipótese de trabalho de que a postura "populista" do *Jornal do Brasil* não estava desvinculada de seu ideário monarquista, ao contrário, fundava-se em grande parte numa visão da Monarquia como mais sensível e interessada nas questões sociais.
- 7 Uso as aspas porque o termo populismo se consagrou, nas ciências sociais brasileiras e latino-americanas, para indicar um fenômeno político localizado no tempo (no Brasil, vinculado à figura de Vargas, a partir dos anos 1930) e com características muito específicas, que não se aplicariam no caso em estudo. No entanto, a idéia de uma relação privilegiada e direta com as massas populares, afastando-se o conceito de classes, parece-me aproximar o perfil político do *Jornal do Brasil* dos diversos populismos que se desenvolveram nos EUA, na Rússia e em países do chamado Terceiro Mundo. Ao se colocar como a "voz do povo", o jornal de certa forma replicava a posição do imperador, que resumia e encarnava em sua pessoa o povo brasileiro, com quem era capaz de manter canal direto de comunicação, acima de classes e partidos—numa espécie de "populismo monarquista".
- 8 A postura de jornal do povo surge em certa medida como resposta ao modelo florianista (que também antecipa algo do populismo varguista), como a propor uma superioridade da Monarquia no estabelecimento desses vínculos diretos, em função da maior legitimidade e popularidade do regime. Mesmo destituído, ao menos aparentemente, do autoritarismo que tanto caracterizaria o fenômeno a partir dos anos 30, o que estou chamando de populismo do *Jornal do Brasil* ajuda a preparar o caldo de cultura política que conduzirá aos desenvolvimentos posteriores. Isso ajuda a explicar a razão pela qual o periódico optou por apoiar a candidatura Hermes na disputa contra o civilismo de Rui Barbosa na campanha presidencial de 1909/1910.
- 9 Isso dito, devo ainda fazer ressalvas adicionais. Em primeiro lugar, o *Jornal do Brasil* não pode ser visto como tendo tido uma única e coerente posição política ao longo do período que estudo, estando sujeito a circunstâncias de seus interesses comerciais e políticos imediatos, das posições das diversas direções que o controlaram, de opiniões distintas de seus redatores, entre outros fatores. Em segundo lugar, trato de fazer aqui uma análise dos sentidos adquiridos na cultura de certas ações não necessariamente ou inteiramente conscientes dos agentes sociais, que influenciavam as percepções que a sociedade brasileira (ou setores específicos dentro dela) desenvolvia de si própria. Além disso, trata-se ainda de análise bastante inicial, e conclusões mais sólidas necessitariam do aprofundamento da pesquisa.
- 10 Meu interesse mais para frente é de tentar confirmar outra hipótese: que a postura de jornal do povo, adotada pelo *Jornal do Brasil*, passou a ganhar dinâmica própria e transformou o periódico num espaço privilegiado para a divulgação, junto à classe média urbana, de valores, imagens e elementos da cultura popular do Rio de Janeiro, valores, imagens e elementos esses que seriam posteriormente absorvidos em novas visões hegemônicas da cultura e da identidade brasileiras. Ao sistematicamente mandar seus repórteres cobrir em profundidade eventos tais como a festa da Penha e o carnaval, o *Jornal do Brasil* contribuiu para a formação de uma geração de intelectuais profissionais simpatizantes das manifestações culturais populares, e estes por sua vez divulgaram-nas para um público mais diversificado, não só através do jornal, mas de outros meios como o teatro, a literatura e a música.

## A guinada “populista”

- 11 Depois de mais de um ano fechado, o *Jornal do Brasil* retomou suas atividades não como mera continuidade, mas como um verdadeiro recomeço. Com novos donos, fez questão de marcar a mudança, a começar pela numeração, que iniciou nova contagem: a edição de 15 de novembro de 1894 recebeu o número 1, ano 4. A data, aliás, era ao mesmo tempo simbólica e prática. Em primeiro lugar, coincidia com a posse do primeiro governo civil da República e o afastamento do “Marechal de Ferro”. As condições eram novas, apesar de que o jacobinismo ainda não estava morto. É curioso notar que, enquanto em sua primeira versão, o jornal escolheu uma data de apelo monarquista para iniciar sua vida, na segunda escolheu a data magna da República, como que num reconhecimento de que esta viera para ficar. A data passaria inclusive a ser celebrada como a do aniversário do jornal, sem que fosse esquecido de todo o 9 de abril. Mas isso teria uma conseqüência bastante confortável, pois a cada 15 de novembro o *Jornal do Brasil* pôde dedicar mais atenção à sua própria celebração, do que à do regime, a que continuava a nutrir pouca simpatia.
- 12 A linha editorial que passou a prevalecer foi definida como de órgão “defensor dos pequenos e dos oprimidos”. O interessante é procurar observar como o *Jornal do Brasil* exercitava essa função, qual o conteúdo dessa opção pelo popular. Um produto que ganharia notoriedade já se inaugurou naquele primeiro número: a seção “Queixas do povo”, cuja popularidade, segundo Eduardo Silva, estava vinculada a duas características—serem gratuitas e acessíveis mesmo a analfabetos, “já que os interessados podiam queixar-se pessoalmente na redação ou nas agências do jornal”.<sup>2</sup>
- 13 Há diversos outros sinais dessa postura que o caracterizaria como jornal do povo. Uma coluna que começou a aparecer já no início de 1895 foi “Para os pobres”, em que o jornal se colocava como intermediário entre os necessitados e os candidatos a filantropos. A 29 de fevereiro de 1896, por exemplo, o jornal narrava o caso de um pobre velho, preto, que veio em busca de auxílio, pois mal tinha um agasalho e tinha 120 anos de idade. Contou aos jornalistas casos da época de d. João VI e foi colocado sob a proteção do jornal. A 4 de abril do mesmo ano, mencionava um grande número de doações que teriam sido feitas a um homem que não tinha como sobreviver e fora notícia do jornal em edição anterior. Também nessa linha assistencialista, o *Jornal do Brasil* promovia sempre em dezembro o “Natal das crianças pobres”.
- 14 Outra forma de expressar o compromisso com as classes populares era a cobertura dos assuntos que mais lhes interessava ou afetava a vida. É conhecida, por exemplo, a importância que o *Jornal do Brasil* deu ao jogo do bicho ou a enorme popularidade dos seus pequenos anúncios (classificados), que chegaram a ser publicados na posição de honra—a primeira página. Mas é notável também a cobertura que dava à Estrada de Ferro Central do Brasil, suas mazelas, seus fatos burocráticos corriqueiros, sempre reivindicando maior atenção das autoridades para um transporte que era vital para o povo, por ser a principal via de comunicação com os subúrbios cariocas.
- 15 Na seção policial, tradicional área jornalística de atração popular, o *Jornal do Brasil* não só mantinha extenso noticiário, como inovava na linguagem, adotando um vocabulário mais próximo do das ruas, como por exemplo em “Na boca da botija” (6 de março de 1903), matéria que relata a prisão de um gatuno espanhol, incorporando expressões populares. Inovava também introduzindo uma estrutura novelesca nas reportagens, como em “Suicídio de um negociante”, que inclui ilustrações e um texto dividido em capítulos, assemelhando-se a uma narrativa ficcional sensacionalista e ocupando grande espaço no jornal. Ou ainda ilustrando as matérias fartamente através de charges e tiras de ilustradores que se tornariam mestres do gênero, como Julião Machado, Bambino, Raul Pederneiras e Luís Peixoto, entre outros. Mas mais do que noticiar, também aí o jornal se colocava na posição de arauto popular, criticando sistematicamente a violência policial, assim como o sistema correcional. Maus tratos na Casa

de Correção, violência contra os presos, prisões injustificadas, má qualidade da comida nas prisões eram alguns dos temas, este último retratado em charge publicada a 20 de dezembro de 1902.

- 16 Nas pequenas lutas populares, até mais do que nas mais ruidosas (e politicamente sensíveis), o *Jornal do Brasil* exercitava sua parceria com o povo. Assim se deu, por exemplo, na campanha contra a alta no preço do pão (14 de dezembro de 1896), na revolta popular contra o aumento de passagens (19 a 23 de junho de 1901), na publicação das listas de açougues que vendiam carne mais barata (vários dias em outubro de 1901), na luta contra a limitação de peso aos carrinhos de mão (6 de novembro de 1901) ou no "suplício da sede", sobre a falta d'água que castigava a população do Rio, enquanto a elite subia para Petrópolis (23 e 30 de abril de 1903). Esse espírito de paladino das pequenas causas da raia miúda foi expresso com felicidade por Bambino numa charge de 20 de março de 1900, em que tipo popular tenta registrar queixa junto ao delegado de polícia, que o manda queixar-se... ao *Jornal do Brasil*.
- 17 Mas tal partido pelo povo, não impedia que o jornal, refletindo ideologias de classe e da época, tivesse claros limites no seu engajamento. Em relação ao movimento operário, que se estruturava e ganhava aos poucos organicidade, o *Jornal do Brasil* estava longe de ser um porta-voz válido. Eduardo Silva chama atenção para o incômodo sentido por lideranças operárias de que aquele órgão da imprensa burguesa gozasse, entre os trabalhadores, de melhor conceito do que os pasquins da imprensa operária.<sup>3</sup> O *Jornal do Brasil* acompanhava a chamada "questão social" com olhar simpático, mas distante. Noticiava as greves, manteve por tempos uma coluna, "O operariado", com notícias sobre os grêmios operários, mas dava maior atenção e destaque à sua própria ação em prol do povo.
- 18 Também com relação à cultura popular, a postura do jornal não divergia, sobretudo no princípio, dos preconceitos amplamente vigentes na elite, especialmente contra manifestações de origem africana ou frutos da mestiçagem cultural. O alvo predileto eram as práticas curandeirísticas e de feitiçaria, como eram vistos rituais ligados à umbanda e ao espiritismo popular. Eram freqüentes as denúncias contra tais práticas, que iludiam o povo e eram associadas a desordens.<sup>4</sup> Em contraposição, em artigo de 9 de junho de 1901, Carlos de Laet, colaborador assíduo do jornal, fazia a distinção entre o baixo espiritismo e aquele nobre, que tinha fundamentos na ciência. Também a capoeiragem, o maxixe e o samba (ainda entendido como reunião para cantar e dançar, como no caso noticiado de um "funambulesco e retumbante samba", que acabou com intervenção policial e prisões), foram objeto das preocupações do jornal com a ordem e a moral.<sup>5</sup>

## A permanência do monarquismo

- 19 O interesse por e o comprometimento com as causas populares, associados a um afastamento cauteloso do movimento operário e a um desconhecimento e baixa valorização da cultura popular, refletiam a verdadeira natureza da "opção pelo povo" do *Jornal do Brasil*, que envolvia uma mistura de estratégia comercial (aliás muito bem sucedida) com a reprodução em novas bases do paternalismo monárquico. O assistencialismo estava de acordo com a figura do imperador como um grande pai da nação, movido por motivos éticos e religiosos a cuidar pelo bem-estar de seu povo. É como se o jornal representasse o elo perdido entre a família imperial destituída de seu poder e seus fiéis súditos. Ao ignorar a mediação de instâncias dominadas pelas classes proprietárias, a ligação direta entre benfeitor (seja o monarca, seja o jornal) e as massas populares permitia que se protegessem os desvalidos, aqueles que, pela ordem natural das coisas, não tinham os meios de fazê-lo por si.
- 20 A permanência do espírito monarquista no *Jornal do Brasil* se fazia umas poucas vezes mais explícita e geralmente mais sutil. Uma das formas como se expressava era o cultivo da aura da realeza. O noticiário sobre monarquias estrangeiras era constante, envolvendo eventos tais como aniversários reais, mortes, casamentos, coroações e viagens, mas também curiosidades

do gênero “As rainhas enfermeiras”, sobre rainhas que cuidaram de reis doentes (28 de setembro de 1902). Em regra, eram as monarquias européias que interessavam ao jornal, mas até países remotos tornavam-se notícia, como o Afeganistão, quando da morte do rei Habib-Ullah (11 de novembro de 1901).

21 A monarquia britânica merecia especial atenção. A abertura do parlamento inglês, em 1902, mereceu uma grande ilustração do rei e desenhos que mostravam as roupas especiais das nobres inglesas para o evento (16 de fevereiro). Cerca de um mês depois, o jornal trazia matéria de primeira página explicando o funcionamento do sistema político do país, acompanhada de ilustrações de vários parlamentares (13 de março). A coroação de Eduardo VII, ainda em 1902, foi acompanhada em seus preparativos, até em detalhes como os penteados escolhidos para a festa (24 de julho). No dia do grande evento, o jornal estampou duas páginas inteiras, amplamente ilustradas, em que se contava a história de vida de Eduardo VII, a situação da Inglaterra e o cerimonial da coroação (9 de agosto). Naquele mesmo ano, a 17 de maio, já a coroação de Afonso XIII da Espanha merecera a 1ª página inteira.

22 É claro que, ao investir na aura dos ritos e pompas das monarquias, o jornal sabia que lidava com um material simbólico que falava aos corações da população. Esta era sensível a tais imagens e, mais especificamente, mantinha um difuso monarquismo que, se não era suficiente para levá-la a tomar armas pela restauração, tinha ampla circulação no universo simbólico, como já notara João do Rio em *A alma encantadora das ruas*.<sup>6</sup> Valendo-se dessa predisposição popular, o *Jornal do Brasil* reforçava o calendário cívico vindo do Império, destacando as datas que mereciam celebração na história brasileira.

23 O caso mais expressivo era o das comemorações do Treze de Maio. Como bem demonstrou Robert Daibert Junior, a República empreendeu intenso esforço de separação entre a abolição da escravatura e a figura da princesa Isabel, primeiro tentando associar os ideais republicanos aos da abolição, como complementos naturais, depois atribuindo ao povo, e não a este ou aquele dirigente iluminado, o mérito do fim do cativo.<sup>7</sup> Todas essas tentativas foram frustradas e a população, em especial os afro-descendentes, continuaram a chamar Isabel de “a Redentora” e a nutrir forte afeição pela família real. Ora, o *Jornal do Brasil*, desde os seus primórdios, colocou o Treze de Maio como uma das datas magnas do calendário cívico nacional, o único a ser respeitado como feriado por seus funcionários. A princesa era a grande artífice do resgate da dignidade do povo brasileiro. As edições de 13 de maio saíam sempre com grande desenho alegórico ocupando a primeira página do jornal, além de ilustrações dos “espíritos fortes” que lutaram por sua causa, sempre figuras ligadas à Monarquia.

24 Entre outras datas celebradas com regularidade pelo jornal estavam a Independência, a batalha de Riachuelo e a lei do Ventre Livre. No primeiro caso, o Sete de Setembro era sempre festejado com as imagens de Pedro I e José Bonifácio, o que à distância pode parecer natural, mas que, no contexto de uma luta da República para apagar os feitos históricos do “Antigo Regime” e de suas figuras máximas, tornava-se mais significativo. A matéria de 7 de setembro de 1901, equiparava o Sete de Setembro ao Treze de Maio e louvava o patriotismo da “geração de 1822”. Um vínculo direto estava implícito: as conquistas da independência da pátria e da igualdade de todos os seus filhos—ambos conquistas da Monarquia.

25 A batalha de Riachuelo prestava-se para louvar os heróis militares e deixar no ar comparações com o momento destituído de heroicidade. Em 1900, o Onze de Junho era celebrado com um grande desenho do almirante Tamandaré. No ano seguinte, em matéria que ocupava praticamente toda a primeira página, o jornal trazia um longo relato histórico e relembrava com nostalgia aquele “tempo de glória da Marinha” brasileira. Já em 1902 o herói celebrado era Barroso e o jornal comparava a “época imoral” que a pátria vivia com o tempo que produzira atos heróicos do quilate daquela batalha.

26 Quanto à lei do Ventre Livre, também se atribuía a Isabel papel primordial na sua promulgação, ao lado do visconde de Rio Branco. Este e outros nobres eram retratados em perfis de grandes

homens que o jornal publicava com certa regularidade. *Prima inter paris*, a família real freqüentava as páginas do noticiário sempre que a ocasião permitisse. Nascimento e morte de Pedro II, por exemplo, mas também a morte de Pedro I. E nas questões relativas à situação da família no exílio, o jornal era sempre o primeiro a sair em sua defesa. Quando, em princípios de 1903, houve uma tentativa, através de habeas corpus, de permitir o seu retorno ao Brasil e o Supremo Tribunal Federal negou, a reação do jornal foi dura, acusando os ministros de falta de coragem para tomar "uma decisão justa" (15 de janeiro de 1903).

## O tripé: Monarquia, religião, povo

- 27 Associado ao monarquismo estava a postura do jornal de fidelidade à Igreja Católica. Se Estado e religião eram unos no Império, o *Jornal do Brasil* encarnava a aspiração de um retorno da unidade e da harmonia: a inseparabilidade entre poder terreno e celeste. Em todas as grandes causas caras à Igreja, lá estava o diário batendo-se junto a ela: casamento, divórcio, controle dos cemitérios. Da mesma forma como acompanhava a vida dos reis, o jornal dava constantes notícias sobre o papa e o cardeal brasileiro. E da mesma forma como se valia do monarquismo popular, tirava proveito da religiosidade popular, dentro dos limites aceitáveis pelo catolicismo. As festas de santo eram sempre registradas e comentadas, a vida e característica de cada um, fruto de análise: são Sebastião, são Bento, são Francisco de Paula, são José, santo Antônio, são João, são Pedro, são Roque, Nossa Senhora do Parto, da Glória, do Carmo, do Rosário, de Lurdes, da Penha, da Conceição, o Sagrado Coração e as celebrações maiores, não havia mês que não houvesse uma, duas, três festas, com a respectiva cobertura do jornal.
- 28 É este tripé da Monarquia, religião e povo que sintetizava o perfil editorial do *Jornal do Brasil*, a forma inteligente como ele realizou a união entre interesses comerciais e ideológicos. O sucesso comercial foi indiscutível: não só o jornal sobreviveu a governos hostis, como se tornou "o popularíssimo".<sup>8</sup> Em 1900, vangloriava-se de ser o diário de maior tiragem da América do Sul. Em 1916, possuía o maior parque gráfico da imprensa brasileira.<sup>9</sup> Era, portanto, uma potência empresarial. Quanto a um possível sucesso ideológico, a questão é mais matizada. O fato é que a República veio mesmo para ficar.
- 29 No entanto, pode-se dizer que o *Jornal do Brasil* atirou no que viu e acertou no que não viu. A nível das construções simbólicas, o "populismo" de sua linha editorial preparou de forma muito mais eficiente o futuro da cultura brasileira, ajudando a formar as bases de uma ideologia nacional e popular até hoje hegemônica. A evolução do pensamento social brasileiro para os paradigmas dos anos 30, estabelecidos por figuras como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, não está desvinculada de um modernismo *avant la lettre* (para o contexto brasileiro) que o jornal representou. Até mesmo as contradições de nosso modernismo, carregado de elementos passadistas, encontra ecos no "populismo" monárquico e religioso do *Jornal do Brasil*, como talvez o mais flagrante exemplo seja Cecília Meireles.
- 30 Não é descabido, tampouco, pensar num parentesco entre a crítica aos limites do liberalismo, que ganha concretude com Vargas, e a desconfiança do periódico em relação às mediações institucionais no trato com as massas. O que Daibert Júnior chama de sobrevida de uma concepção "marcada por uma visão religiosa e providencial, na qual os governantes eram percebidos como pessoas revestidas de caráter sagrado",<sup>10</sup> aproxima-se da concepção de lideranças cesaristas, capazes de traduzir o espírito da nação e de agir por cima das classes e instituições. Daí a lógica política de apoiar Hermes contra Rui. Aliás, a percepção de que uma liderança carismática era necessária para suplantar os obstáculos que as classes dominantes opunham à reforma do país também estava presente no próprio Rui Barbosa, o paladino do liberalismo, o defensor do império da razão. Candidato a presidente, Rui saiu pelo país fazendo comícios populares com discursos carregados de imagens milenaristas e religiosas.<sup>11</sup> A República Velha, no entanto, não produziu seu grande líder salvacionista e foi preciso

esperar pelo advento de Vargas para que o país de novo se reconhecesse num pai protetor. No meio tempo, o *Jornal do Brasil* tratava de ocupar um espaço vazio, apontando para o passado monarquista e para o futuro populista.

## O futuro da pesquisa

- 31 Enquanto grande empresa, o *Jornal do Brasil* estava muito distante dos jornais oitocentistas, que se identificavam inteiramente com um dono, com opiniões monolíticas. Como um jornal moderno, abrigava posições distintas, muitas vezes conflitantes, ainda que dentro de certos limites estabelecidos pela linha editorial. E sobretudo tinha que manter seu faro de sucesso. Tais características permitiriam que o “populismo” do *Jornal do Brasil* ganhasse vida própria. Onde isso pode ser notado melhor é na evolução da cobertura dada a duas festas populares: a da Penha e o carnaval. No seu primeiro ano de existência, o *Jornal do Brasil* limitou-se a dar, da festa da Penha, uma rápida notícia na seção “Diário da cidade”: informações do local, das orquestras, leituras do Evangelho e bandas (18 de outubro de 1891). A mudança já foi notável na primeira cobertura da festa na sua fase “populista”. Com grande desenho na 1ª página, o jornal conclamava todos à “festa popular mais legítima” (6 de outubro de 1895). Ano a ano, a cobertura se tornou maior e se afastou cada vez mais do caráter religioso do evento para se concentrar nas barracas e no “samba”—na música e na dança que ocorriam fora do espaço religioso.
- 32 O carnaval é exemplo ainda mais expressivo dessa aproximação com a cultura popular. Evento maior da cidade, era natural que recebesse grande cobertura dos órgãos da imprensa. Mas o *Jornal do Brasil* de tal forma tornou-se associado às folias que em sua sede eram depositados os estandartes das agremiações carnavalescas e, na passagem dessas pela avenida Central, fazia-se uma parada obrigatória diante da sede da empresa para se gritar “Viva o *Jornal do Brasil!*”, contrastando com o “morra Nabuco” de poucos anos antes. É esta história da transformação do jornal em espaço privilegiado para a circulação de elementos da cultura popular e de classe média urbana carioca que constituirá o próximo capítulo da instigante trajetória do “popularíssimo”.

---

### Notas

1 Sodré, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1977, p. 293. A história do *Jornal do Brasil* no período inicial de 1891 a 1893, conforme apresentada a seguir, está baseada sobretudo nessa obra.

2 Silva, Eduardo, *As queixas do povo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 50. Trata-se de um estudo do significado socio-cultural dessa coluna, com várias percepções que foram muito úteis ao meu trabalho.

3 Op. cit., p. 51.

4 Ver, por exemplo, *Jornal do Brasil*, 5 de agosto, 25 e 28 de dezembro de 1895, 29 de abril de 1896, 6 de março de 1900 e 21 de outubro de 1901.

5 Ver, por exemplo, *Jornal do Brasil*, 24 de outubro de 1900, 5 de julho e 8 de novembro de 1902, e 24 de abril de 1903, este último sobre o mencionado samba.

6 João do Rio, *A alma encantadora das ruas*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Simões, 1951, p. 45 passim.

7 Daibert Júnior, Robert, *Isabel, a 'Redentora' dos escravos: uma história da princesa entre olhares negros e brancos (1846-1988)*. Bauru/SP: Edusc, 2004.

8 Silva, Eduardo, cit., p. 47.

9 Sodré, N. W., cit., p. 397.

10 Op. cit., p. 156.

11 Lopes, Antonio Herculano, “Um Antônio Conselheiro da Razão”, in Isabel Lustosa et alii, *Estudos históricos sobre Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2000, p. 71 a 124.

### ***Para citar este artículo***

Referencia electrónica

Antonio Herculano Lopes, « Do monarquismo ao “populismo”: o *Jornal do Brasil* na virada para o século XX », *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En línea], Debates, 2006, Puesto en línea el 02 mai 2006. URL : <http://nuevomundo.revues.org/index2239.html>

---

**Antonio Herculano Lopes**

Fundação Casa de Rui Barbosa-Rio de Janeiro

---

### ***Licencia***

© Tous droits réservés

---

### ***Résumé / Sumário***

Fondé en 1891, le *Jornal do Brasil* est né comme un projet d'intellectuels monarchistes destiné à résister à la République au plan des idées. Pendant la Révolte de l'Armée, en 1893, le journal a été fermé par le gouvernement, pour ne rouvrir qu'avec l'ascension du premier président civil, Prudente de Morais, plus d'un an après. Alors, une longue et nouvelle phase a commencé, marquée par un grand changement dans la ligne éditoriale, qui est devenue moins ouvertement politique et a adopté la posture de “représentant légitime et naturel [du peuple]”. Cette posture “populiste” du *Jornal do Brasil* n'était pas étrange aux idées monarchistes, au contraire, elle se fondait en grande partie sur une vision de la Monarchie comme étant plus sensible et intéressée aux questions sociales.

**Mots clés :** Rio de Janeiro, Presse, monarchisme, populisme, République

Fundado em 1891, o *Jornal do Brasil* nasceu como projeto de intelectuais monarquistas destinado a resistir à República no plano das idéias. Quando da Revolta da Armada, em 1893, fechou as portas para só reabrir mais de um ano depois, com a posse de Prudente de Morais. Começou, então, nova e longa fase, caracterizada por forte mudança de linha editorial, tornando-se menos abertamente político e adotando postura de “legítimo e natural representante [do povo]”. A postura “populista” do *Jornal do Brasil* não estava desvinculada de seu ideário monarquista, ao contrário, fundava-se em grande parte numa visão da Monarquia como mais sensível e interessada nas questões sociais.

**Palavras chaves :** monarquismo

**Licence portant sur le document :** © Tous droits réservés